

18 SET 1998

GAZETA MERCANTIL

Economia - Brasil

A verdade dos fatos sobre o Brasil

Ninguém foi capaz ainda de explicar de forma convincente as motivações dos mercados financeiro e de ações, dentro e fora do Brasil. Sente-se que há um clima de insegurança, um medo irracional, beirando o pânico, que impede as pessoas de analisar racionalmente os fatos. Há uma ânsia dos que gerem recursos próprios ou de terceiros de que seja anunciado um fato sensacional, capaz de convencer a todos, definitivamente, de que uma crise de ominosas proporções não está batendo à sua porta.

Era esse o estado de espírito nos mercados na manhã da última quinta-feira, enquanto se aguardava o pronunciamento do "chairman" do Federal Reserve Board (Fed), Alan Greenspan, na Comissão Bancária da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. A expectativa era de que, investindo-se na condição de salvador da economia mundial, Greenspan anunciasse uma redução da taxa básica de juros em seu país, o que fortaleceria não só a bolsa de Nova York, mas teria o condão de conter a fuga de recursos dos mercados emergentes.

Greenspan, caracteristicamente, resistiu às pressões, que são muito intensas inclusive em seu próprio país, e deixou de sinalizar qual será a direção que o Fed imprimirá à política de juros em sua reunião marcada para o dia 29 deste mês. Pouco simpático à especulação, Greenspan, como se recorda, advertiu os investidores quanto à alta excepcional da bolsa americana, que estava muito além do que se poderia prever pelo resultados das empresas.

Agindo de forma coerente, ele evitou dar qualquer indicação quanto à taxa de juros, plenamente consciente de que o mercado não deixaria de antecipar a decisão do Fed.

No mais, Greenspan não foi tão negativo como se pensa. Ele está convencido, como tantos outros economistas, de que o Fundo Monetário Internacional (FMI) precisa passar por uma reformulação,

Falta sintonia entre o mercado financeiro e de ações e o mercado de investimentos

mas admitiu que esta não pode ser feita de imediato. De qualquer forma, deu seu endosso à aprovação do aumento de US\$ 18 bilhões das cotas dos EUA no FMI.

À espera de um presente do céu, o mercado decepcionou-se, deixando de levar em conta outros fatos de grande peso. Em nome do Institute of International Finance (IIF), o vice-“chairman” do Citicorp, William Rhodes, disse que os bancos privados estão dispostos a emprestar recursos ao Brasil, mas que o governo brasileiro não solicitou nenhum apoio especial. Rhodes, como se sabe, chefiou o comitê de bancos que renegociou a dívida externa do Brasil e outros países em desenvolvimento e está bem informado do que se passa aqui. É bom recordar também que, tendo chegado primeiro a um acordo com o Comitê, o governo brasileiro pôde prescindir da assinatura de um acordo com o FMI, que se limitou a

dar o seu aval à negociação quando ela já estava concluída. Um suporte pelos bancos sai mais caro do que um acordo com o FMI, mas pode ser mais rápido e proporcionar muito mais recursos.

Mas, afinal, precisa o País de um forte esquema de suporte financeiro neste momento? Não é só o governo brasileiro que responde que não. Em uma lúcida análise sobre a questão, a agência de “rating” Fitch IBCA disse algumas verdades que o mercado brasileiro finge desconhecer: 1) a rolagem de uma parcela de US\$ 80 bilhões da dívida interna até o fim do ano depende muito pouco de capital externo; 2) quanto às obrigações externas do setor público até dezembro, elas são de US\$ 7,5 bilhões, podendo ser cobertas com folga pelas receitas de privatização; os compromissos do setor privado neste prazo não passam de US\$ 6,3 bilhões; 3) a dívida de curto prazo é praticamente igual ao total das reservas.

O que se nota claramente é uma falta de sintonia entre a reação do mercado financeiro e o mercado de investimentos. Fortalecendo o volume de investimentos diretos que o País vem obtendo, foi privatizada a Empresa Bandeirante de Energia, arrematada pelo preço mínimo de R\$ 1,014 bilhão pelo consórcio formado pela Eletricidade de Portugal e a CPFL. Os novos controladores vão investir mais R\$ 120 milhões na empresa em 1998.

Foi a terceira privatização bem-sucedida em uma só semana, atraindo vultosos capitais internos e externos. Esses são os fatos que contam. ■